



EMBAIXO do CAJUEIRO

ORGANIZADORES:

Djavam Damasceno

Douglas la Divina

Kieza Fran Nascimento



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Kieza Fran Nascimento, natural de Sobral, CE, é uma poeta e produtora cultural atuante desde 2015. Reconhecida na cena slam cearense, co-fundou o Slam da Quentura e a rede Slam Ceará, no qual é uma das coordenadoras, junto ao Coletivo Fora da Métrica. Como idealizadora do Produção de Perifa, ela promove capacitações em produção cultural para pessoas das periferias, buscando inclusão e retomada através da escrita. Premiada com o Prêmio Pretas Potências em 2023 pelo Preta Hub e Ministério da Cultura, seu trabalho gira na promoção da arte e da cultura, além de administrar carreiras de artistas e espaços culturais independentes.



Djavam Damasceno é Mestre em linguística pela Universidade Federal do Ceará, é doutorando pela mesma instituição e integra o Grupo de Estudos Semióticos da UFC (SEMIOCE). Tem especial interesse nas práticas discursivas da poesia experimental da segunda metade do século XX e pelo diálogo entre semiótica e o discurso literário. É autor de duas plaquetes de poesia: Sem título (A literação, 2017) e Um pássaro e outros nomes (Editora Fictícia, 2023).

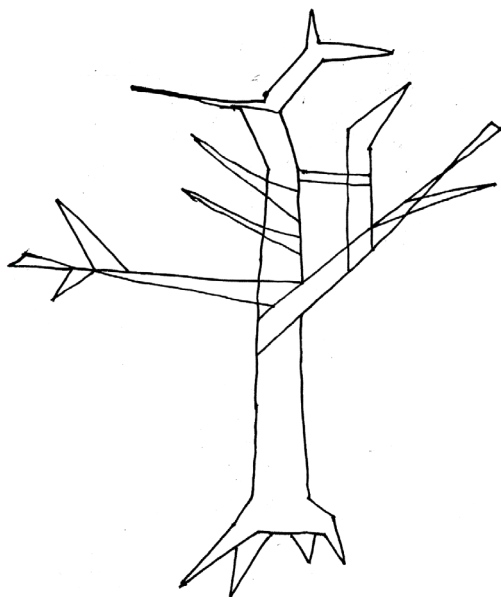


Douglas la Divina, poetaora, tocaor flamenco, guitarrista crioulo, performer queer, regente, produtor cultural e estudante de licenciatura em música pela Universidade Federal do Ceará. Também Graduando em Letras - Alemão pela UFC (não Concluído) em 2013 a 2015. Com uma escrita provocativa e nonsense, busca escrever sobre o querer ser plural. Já como músico, com forte influência da música cigana, guitarra crioula, do toque flamenco e da verdadeira música popular brasileira, faz um som em busca de novidades teóricas, misturado um pouco com uma essência queer. Membro fundadora do Coletivo Orin (2023), Host do Podcast OrinCast (2023) e idealizadora do Fanzine Orinzine (2023).



ORGANIZADORES:

Djavam Damasceno
Douglas la Divina
Kieza Fran Nascimento



Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

EMBAIXO DO CAJUEIRO

© 2024 copyright by Douglas la Divina, Djavam Nascimento e Kieza Fran Nascimento. (Orgs)
Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Cordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antônio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Revisão
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação
Rosilene Alves de Albuquerque

Catálogo
Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

E53 Embaixo do cajueiro. / Organizado por Djavam Damasceno,
Douglas la Divina, Kieza Fran Nascimento. - Sobral CE: Sertão Cult,
2024.

68p.

ISBN: 978-65-5421-136-9 - papel
ISBN: 978-65-5421-137-6 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211376-2024

Poesia. 2. Literatura. 3. Cultura popular. 4. Diversidade
cultural. 5. Slam. I. Damasceno, Djavam. II. La Divina, Douglas. III.
Nascimento, Kieza Fran. IV. Título.

CDD 869.1

FICHA TÉCNICA

Organizadores:
Douglas La Divina
Djavam Damasceno
Kieza Fran Nascimento

Produção Geral:
Kieza Fran Nascimento

Produção Executiva:
Douglas La Divina

Curadoria:
Djavam Damasceno

Designer e Lettering:
Alana Lara

Social Media:
Raisa

Tradução em Libras:
Anne Yslany

Capa:
Zeca Kalu e Jonas Gomes

Ilustrações:
Jonas Gomes

Editora:
Sertão Cult

Idealização e Produção:
Produção de Perifa



Apoio:

Projeto financiado pela Secretaria da Cultura e Turismo de Sobral
com recursos provenientes da Lei Federal Complementar
nº 195/2022 - Lei Paulo Gustavo, de 22 de Julho de 2022.

Secretaria da
Cultura
e Turismo



SOBRAL
PREFEITURA

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

APOIO

Esse projeto é apoiado pelo EDITAL SÉRGIO PRESLEY DE FOMENTO ÀS AÇÕES CULTURAIS - LEI PAULO GUSTAVO SOBRAL da Secretaria da Cultura e Turismo de Sobral, conforme especificação contida neste Edital e em seus anexos, elaborado com base na Lei Complementar nº 195/2022, no Decreto nº 11.525/2023 e no Decreto nº 11.453/2023. Esta chamada é realizada com recursos do Governo Federal repassados por meio da Lei Complementar nº 195/2022 - Lei Paulo Gustavo.



THE HISTORY OF THE UNITED STATES OF AMERICA

BY CHARLES A. BEAN

NEW YORK: THE CENTURY CO., 1908.

Copyright, 1908, by The Century Company.

Printed in the United States of America.

Published by The Century Company, 290 North 5th Street, New York, N. Y.

Entered as Second-Class Matter, October 3, 1879, under No. 233, Postoffice at New York, N. Y., and of Special Delivery October 3, 1879, under No. 233.

Acceptance for mailing at special rate of postage provided for in Section 1103, Act of October 3, 1917, authorized on July 1, 1918.

Postage paid at New York, N. Y., and at additional mailing offices.

Postmaster: This publication is published weekly except on the first and third Mondays of each month.

Subscription price, \$3.00 per annum in advance.

Single copies, 10 cents.

Entered as Second-Class Matter, October 3, 1879, under No. 233, Postoffice at New York, N. Y., and of Special Delivery October 3, 1879, under No. 233.

Acceptance for mailing at special rate of postage provided for in Section 1103, Act of October 3, 1917, authorized on July 1, 1918.

Postage paid at New York, N. Y., and at additional mailing offices.

Postmaster: This publication is published weekly except on the first and third Mondays of each month.

Subscription price, \$3.00 per annum in advance.

Single copies, 10 cents.

Entered as Second-Class Matter, October 3, 1879, under No. 233, Postoffice at New York, N. Y., and of Special Delivery October 3, 1879, under No. 233.

Acceptance for mailing at special rate of postage provided for in Section 1103, Act of October 3, 1917, authorized on July 1, 1918.

Postage paid at New York, N. Y., and at additional mailing offices.

Postmaster: This publication is published weekly except on the first and third Mondays of each month.



PREFÁCIO

Douglas La Divina
@douglasladivina

Minhas mãos ainda têm o cheiro de caju... Foi embaixo de um cajueiro que eu pensei meus primeiros versos enquanto descastanhava, onde se encontravam minhas ideias, sentimentos e ambições.

Todos nós temos um laço distinto com o cajueiro, seja ele direto ou indireto, de Vila Carmela ao Sumaré, no copo de suco da merenda escolar ou da garrafa comprada no supermercado.

“Embaixo do Cajueiro” é a antologia que reúne poetas de todas as regiões do Ceará, tal qual o suco do caju os letrou, onde cada poema reflete os sonhos dos poetas, os amores perdidos, as suas audácias e as esperanças renovadas. É uma celebração da diversidade de experiências e perspectivas que enriquecem essa existência.

Este livro é um testemunho do poder da poesia para unir comunidades, preservar memórias e inspirar o futuro. Que cada poema seja uma janela aberta para um mundo de imaginação e reflexão.

Que “Embaixo do Cajueiro” encontre seus leitores como um convite para celebrar a beleza da palavra escrita e a riqueza de nossa cultura.



Djavam Damasceno

Um poema é um lugar público. Por mais íntima ou her-
mética que seja a experiência de linguagem que nele se
condense, sua vocação última sempre será a de ser um
objeto comunitário de significação. Esta antologia nada
mais quer do que participar ao seu modo desse processo
de partilha de sentido.

Tendo em vista esse desejo, optou-se por uma metodolo-
gia de organização o mais aberta possível, de modo a fa-
zer um pequeno, mas esmerado recorte dos mais diversos
modos de se exercer poesia em nosso meio: do intimismo
confessional ao retrato cru da realidade sociourbana; da
delicadeza dos pequenos gestos de linguagem à expressão
visceral e agônica dos estados de alma; das minúcias da
inscrição de signos sobre a página à potência sem par da
poesia para voz falada e/ou cantada. Todas essas moda-
lidades de expressão instauram seus próprios parâmetros
de leitura e de apreciação e coabitam estas páginas sem
instaurações de hierarquias pré-estabelecidas.

Os poemas que aqui se reúnem são, pois, índices do de-
senvolvimento das mais diversas linguagens poéticas que
se praticam e se elaboram hoje em nosso estado. Espera-
mos que sua publicação aqui seja um caminho, tímido que
seja, para a repercussão dessas vozes e para um estabele-
cimento de um diálogo proveitoso entre suas diferenças.
Em comum, atesta-se seu desejo de linguagem e a certeza
de que o poema, por mais singular, é sempre um fruto
coletivo.



Kieza Fran
@dizfranzinha

Durante quase seis meses, ao final da tarde seguia o mesmo ritual: chegava silenciosamente, deixava a bolsa na cama (às vezes na número 18, outras na número 10, em outras na 06), tomava banho às 17h45 e às 18h30 já estava em sua cadeira de madeira, com o Cajueiro acima de sua cabeça, companheiro de muitas horas. Colocava o notebook em cima da mesa e começava a trabalhar.

Trabalhos incessantes, escrevendo projetos culturais até altas horas da madrugada, mas com vários intervalos para conversas imprevisíveis. Foi neste local, com encontros tão improváveis, que comecei a escrever este projeto. Meio incerta se daria certo, mas com a certeza de que, pelo menos, teria uma história para contar.

Ainda sem nome, sugeri a Douglas que esta antologia fosse intitulada “Embaixo do Cajueiro”, pois eu estava escrevendo exatamente neste ambiente. Simples assim, um nome destinado a marcar uma memória, um lugar e um momento específicos. Lembro-me de, neste mesmo dia, indagar a William (voluntário) e Ana (hóspede) se tinham bebido suco de caju nas escolas em que estudaram, e ambos disseram que sim. Foi então que entendi o quanto o caju permeou nosso processo de letramento e escrita em nível nacional, desde nossas bases.

Ao longo desse percurso, ao redor do cajueiro, encontrei pessoas que me marcaram profundamente, todas em processo de retirância. Primeiramente, Jade (AC), geminiana que me acolheu com todo o carinho e afeto do mundo, inclusive em dias sombrios para ambas; Lucas (BA), cujas



opiniões às vezes divergiam, mas sempre animava as nossas conversas; Sousa (MA), o mais comunicativo e observador de todes, dono de uma trajetória complexa; Paulo (RN), um grande fotógrafo que se revelava silencioso até beber; Alan (CE), o charmoso estudante de direito; Sil (CE), a que nasceu banhada nas águas dos mares de Jeri, fluente em italiano; Ane (CE), a mais patricinha de todas, com um coração enorme; Moacyr (SP), mestre em capoeira e também em contar histórias, o maior cara-de-pau que já conheci, com um coração tão vasto quanto o universo; e Gabriel (SP), o programador “marijuaneiro”, o mais chato de todes.

Este livro é dedicado ao Hostel Dragão do Mar e a todas as pessoas que me acolheram neste ambiente de setembro de 2023 a março de 2024. Muito obrigada!

Para a Produção de Perifa, que não me deixa parar de sonhar em coletivo e julgar este verbo no plural e nas suas pluralidades.

Para Douglas, meu amor desde 2016, que nunca deixou de acreditar em algumas ideias aleatórias que tive. Obrigado por escrever comigo. Amo você.

Para todes poetas que acreditaram que este projeto se tornaria possível, muito obrigado! Agradeço antecipadamente também a todas as pessoas que irão ler este livro!

Boa leitura a todes!





BOI TARDINHA

Zeca Kalu

Já viu?

Que já não dava mais tempo de andar tão desacordado?

Alado com pedaços de vidro enfiados nas costas

Já viu que nosso corpo é de pano?

De ferro entortado, de mato seco para preencher os dedos

Viu que o chão acendeu logo que o sol apontou?

Que haviam chifres brilhantes no horizonte norte estonteante

Que o sertão se fez morada

Que a terra arada e farta se faz de pura areia, pó

Já viu vermelha aldeia

Candeia, centelha açucarada

Já viu terra arrasada

Já viu corpo e careta

Já viu pedra, lagoa seca, já viu cheia, já viu ferrugem

Viu que em pleno dia, noite tua, noite minha

Já viu que o sal mareja

Carne seca

Carne cheia

Já viu, farta peleja

Lua brilhante

Quente lateja

Já viu seriema cipó caatinga

Já viu serra

Já viu pinga


Já sabe, pra sempre quinta

Quarta-feira

Cheia de cinzas

Viu canoa furada

Ilha de açude



Moita e cascata
Já viu que o dia lateja
Veja
O dia ascendente
O pé que pisa pra cima
Que a frente de quintal
Olho baixo
Sorria pr'aquele que vinha

PSICOGRAFIA DE UM SILVA

Jonas Gomes

psicografia de um Silva

e se?



SUMÁRIO

Arlon de Serra Grande

Mooriana.....	14
O jangadeiro.....	15

Ayla Menezes

Ame minhas linhas em vermelho.....	16
Minha terra verde e cor de saudade.....	17

Batuta

Favela amanheceu.....	18
Prasinterá.....	19

Bella Velasco

Espelho.....	20
Verbete: obsessão.....	22

Bhru Soul

18:50 De um domingo.....	24
Tudo começou no terreiro.....	25

Bruno Trajano

Mandacaru.....	26
Nasce de mim.....	27

Carvalho

Vento de mudanças.....	28
Mar de ti.....	29

Daiana Maciel

Reencontro.....	30
Na intensidade de viver.....	31

Dedezaum

500 Anos de porra nenhuma.....	32
Eu vejo a África.....	34

Duda das Casa

O bolo.....	36
Maior, costuras, pontos e agulhas.....	37



Eros	
Movimentos.....	38
Saudade de lá.....	39
Leon Kenedy	
Devassidão masculina.....	40
Labuta de laços.....	41
Lílian Silva	
Coragem.....	42
(Cid)ade.....	45
Mateus Lira	
Cemitério de versos.....	46
Receita para guardar uma memória.....	47
Moon Kenzo	
Sanha.....	48
Invidia.....	49
Natália Maelly	
O que eu aprendi com meu pé de ata.....	50
Vidas compartilhadas.....	51
Preta Poeta	
Contra o medo, coragem.....	52
Salva-vidas.....	56
Raya Kelle	
Fui a pior versão.....	58
Talvez eu só queira dizer.....	59
Relicário	
Deus.....	60
Meu sangue vermelho vivo.....	62
Zanatta Eller	
Põe-te poeta.....	64
Refúgio não é fuga.....	67



ARLON DE SERRA GRANDE

Sou ensaísta, poeta e cearense – mais especificamente serrano, da Serra Grande. Em 2024 completou-se dez anos que escrevo e estudo poesia. Há cinco não faço versos, me concentrando numa poesia experimental, voltada para o olho e para o ouvido. Tive uma breve formação musical que foi

fundamental para o aprimoramento da minha poesia. Todos os dias sonho com um Ceará culturalmente inventivo, que contribua para a ideia de um Nordeste heterogêneo.

MOORIANA

Canta nos pântanos

murmuro
muro dos sapo-pós.

Cri-criação de vida

a meio-ida

naqueles montes longes;

e lá, lá se vai, pois,

o canto dos pássaros no horizonte

do horizonte.

Neste rio rindo me vou

num mergulho de pei-

xe.

Sus, suspiro: piro.

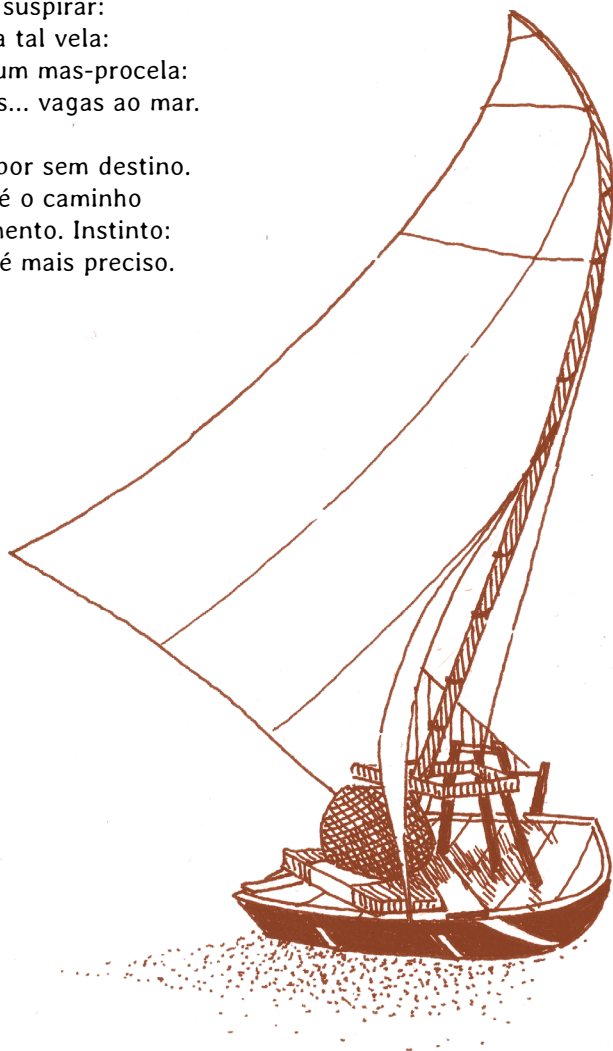
14 - Embaixo do Cajueiro

O JANGADEIRO

Como é escuro o mar profundo...
Reles teu pequeno cais:
Não ancoras nunca, nunca mais.
Como é profundo o mar escuro...

Vento nulo suspirar:
singela esta tal vela:
é por cela um mas-procela:
vagas vagas... vagas ao mar.

Mergulho: por sem destino.
Todo água é o caminho
sem ar gomento. Instinto:
seguir não é mais preciso.





AYLA MENEZES

Ayla. Desde sempre apaixonada pela escrita e por tudo o que ela permite expor. Sou uma poeta, ainda em formação e crescimento, de Sobral, no Ceará, mas que já passeou por tantos mundos dentro do imaginário. Com poesias de saudade, amor, tempo e do movimento da vida, escrevo minhas palavras. Assim elas podem sair daqui, do pensamento para o Ceará, Brasil afora e quiçá, o mundo.

AME MINHAS LINHAS EM VERMELHO

Ame.
A mim.
E somente a mim.

Não ame meus olhos.
Não, não afunde neles.
Que eles são rasos,
E mentem.

Ame
A mim,
E somente a mim.

Não ame minhas palavras.
Que elas se perdem
entre as minhas almas,
Não saberei se foi Clara
Ou Henrique,
Que te ofereceu a lua cheia.
E o sol que queima toda as
tuas sardas.

Ame.
A mim.
E somente a mim.

Não ouse, amar minhas linhas
vermelhas.
E meus roxos antigos,
Não ouse me transpassar,
Não ouse me olhar.
Ame a mim.

Apenas a mim,
A mim que te mostra a força e a
fúria,
E não a covardia e as lamúrias.
Ame.

Me ame.
Mas não tanto.
Que não sei decifrar,
Que talvez não saiba lidar,
Que talvez eu me vá,
Se você me amar.

MINHA TERRA VERDE E COR DE SAUDADE

Por entre os grandes prédios
metálicos,
E as buzinas e os ouros de tolos,
Mora ali minha saudade.
A saudade de que não vivi ou vi.
A saudade do ar puro,
Da pipa,
Do carrinho de papel.

A memória da árvore verde,
ainda de pé;
Quando era saudada
e não saudade.
Mora ali,
Na fotografia amarela,
Que não toco,
Mas a sinto em minhas mãos.
Pela tela muito branca,
Uma figura.
Uma vida toda a ser criada.

Da rua que era lua,
Que era castelo,
Que era piscina e praia,
Mas doía como pedra
e era quente como o inferno.

Ainda não senti o cheiro de terra.
Dizem que é tão bom, que revigora.
Mas, ah, estou preso nos fios,
Entre linhas e números e veias
saltadas na testa de pouco sono.
Deve ser bom,
Prestigiar a última chuva
e a última fruta a brotar
na terra seca.

Se eu fechar os olhos com força,
talvez escute o sabiá,
Sinta os espinhos do Mandacaru,
O gosto de sal do mar.
Talvez fique no imaginário.
Ainda estamos dentro desses
metais.
sem porta, sem chave, sem nada.



FAVELA AMANHECEU

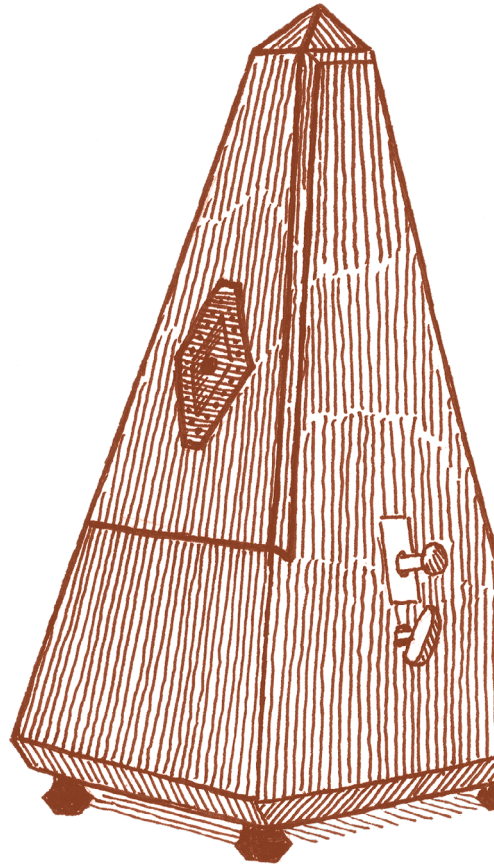
O sol banha a favela onde eu moro
O galo canta em algum terreiro
Acorda os fie de Deus num berreiro
De joelhos eu rezo e imploro
Que um dia eu ria porque hoje eu só choro
E ria também quem chora ao meu lado
Esses que muito só têm apanhado
E não perdem um dia sequer de labuta
Que provem um tanto do doce da fruta
Que há muito tempo eles têm semeado

PRASINTERÁ

Pra se inteirar dos assunto
do mundo e da sua maloca
tem que olhar pro conjunto
não fique só nas intoca
se toque, nossa cultura
do Ceará é fartura
futuro não é Aldeota

Só idiota que pensa
que sabe tudo que acha
na caixa só vai vivendo
nunca pisou numa praça
pra sair do seu quadrado
não traga nem é tragado
pois sempre vive de baixa

Alô aldeia Aldeota
na porta sigo batendo
suporte pra quem se importa
e tá suportando os veneno
do nosso lado da ponte
nunca se esgota a fonte
e eu continuo bebendo





BELLA VELASCO

Velasco é professora e artista cearense ainda (e sempre) em autodescoberta. Busca as fronteiras e confluências entre corpo e palavra e envolve em sua prática artística os campos dos estudos literários, das artes da cena e da prosa poética/poesia em prosa.

ESPELHO

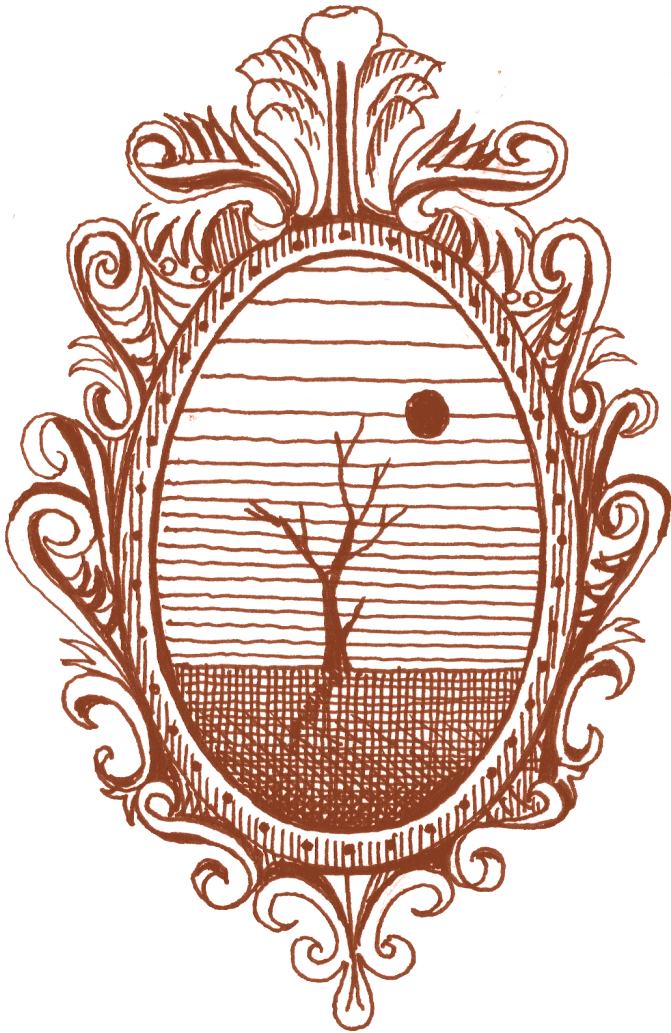
furiosa esqueço ando pelas ruas o que me bota pra frente é esse desejo de chegar não sei aonde e o que há de demais nisso são as marteladas no portão de metal do vizinho que me deixam louca quero controlar teu desejo como controlo meus passos controlar como vocês me vêem como não me percebem porque odeio ser vista mas por favor pelo amor de deus alguém repara em mim mas não muito tenho medo de que a imagem que apresento não condiz com o que sinto no momento aqui dentro, pra vocês sou pálida cinza translúcida a tal ponto que preferiria não ser visto e o quão ridículo é pensar nessas coisas quando tá 60 graus e ajuda humanitária é despejada dos céus feito tijolos direto na cabeça de esfomeados e quão egoísta eu sou na minha própria pequena individualidade de barriga cheia mas no final é tudo só sobre você mesmo não adianta negar as coisas que sua boca fétida de manhã fala são pros próprios ouvidos e as mãos que você aperta só pra sentir o toque na própria pele e o abraço que você oferece é o aperto que você quer receber

e todos e tudo é um espelho que reflete teu narciso desde a poça de esgoto no acostamento à janela do ônibus você diz que está olhando as árvores na calçada mas é mentira você quer ver se teu delineado tá borrado feito os pichos na parede do prédio são pedro que você tanto defende na verdade só pra dizer olha só como eu me importo com minha quer dizer nossa história a luz que a areia do aterro reflete o mar marrom da praia do mucuripe a córnea do outro que te distorce e no final tudo o que há é eu eu eu eu e estou trancado na jaula da identidade sem ter pra onde correr o inferno é os outros é o caralho eu é que sou a porra do inferno porque os outros refletem visões refratárias de mim um mosaico que de fato nunca chega a ser inteiro eu me percebo apenas por partes sou o único que não vejo meu próprio rosto e minha nossa senhora eu só queria poder olhar pro meu rosto dia inteiro então o procuro refletido em tudo todos mas nunca nunca é o suficiente pois no início era o peito e o mamilo e o leite jorrando e a boca chupando e a gengiva mordendo e depois eu era um rosto que achava que fosse o meu mas vez ou outra ele sumia então me tornava um objeto qualquer macio e colorido que eu mordo e chupo e babo mas então sou meu próprio cu e fezes e olha só essa é a primeira coisa que crio que faço eu mesmo que sai de mim como ser/corpo/ente/mente autônoma e desde esse dia aí tudo o que fiz foi uma merda, me fiz criadora a partir da merda o primeiro prazer universal humanitário da criação, aí eu te pergunto o criador faz a criatura ou a criatura que faz o criador? procuro esse gozo primordial escatológico sem nunca alcançá-lo é desejo atrás de desejo e a questão é que começo a ficar muito muito muito muito cansada acho que vou parar um pouco dar uma descansada gente vamos viver o agora vamos aproveitar vamos sei lá cheirar uma flor transar sem gozar mas ei vem cá o que é aquilo bem ali será que lá tá melhor do que aqui será que lá o vizinho não tá martelando a porra do portão o lá com toda certeza é melhor do que aqui e se

VERBETE: OBSESSÃO

substantivo neutro. obsə'sẽw̃ . pl.: -sões. [sinônimo: paixão].

1. esteve sempre só e em ti,
consciência presa ao receptáculo que é teu ser no corpo,
até que um dia percebe ali haver qualquer coisa como sombra
que te espreita.
tu observa com desconfiança, no início
— afinal, em ti só há espaço para um:
o juiz do que te fere e do que te não fere
é a unanimidade do
sozinho.
o estranho se camufla à tua própria imagem e consciência,
desperta teus desejos escondidos,
adivinha teus receios, que ignoras.
(na verdade, ele não é a coisa em si, é reflexo apenas).
ainda assim o corpo que deveria ser só teu deixou-se infectar
pelos olhos,
pelos ouvidos,
pelo cheiro,
pela boca e pelos dentes,
sobretudo pela pele, pela pele, pela pele.
mecanismo de defesa: emboscado por dentro.
fraqueza? não sabe.
mas a construção do outro em ti torna-se tão real
que tu começa a de fato ouvir
alheios passos indiscretos,
batidas de coração disrítmicas com as tuas próprias,
pensamentos que não são os teus.
por fim, suspeita de corpo estranho e repúdio
não contra o intruso (afinal ele é simulacro, só).
para expulsar o que é projeção, o receptáculo se revolta contra si:
a mente obsessiva age sob a mesma lógica das doenças autoimunes.





BHRU SOUL

Bhru Soul é natural de Guaraciaba do Norte-CE. É compositora, atriz e estudante de Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Encenou as peças: Vidas Interrompidas (Floriano-PI), como protagonista da Escrava Isaura; As Pedras que Encontrei, como protagonista, sendo premiada em primeiro lugar. Como compositora, lançou a música "Somos Alucinações" em 2023 pela lei Paulo Gustavo de Guaraciaba do Norte.

18:50 DE UM DOMINGO

A playlist ia de um pagode a um reggae.
Os sons das ondas do mar, as músicas de fundo,
Na penumbra, um cigarro aceso,
e uma cerveja gelada esquentando na mesa,
enquanto meu pensamento se desdobra
Tranquilidade, ah! Doce tranquilidade
Teu caminhar na areia, agora gelada, me traz paz!
A música parou,
Eu ainda inebriada,
Corpo salgado,
As conversas aleatórias numa mesa ao lado
E o som do mar.
O agora, que deixou de ser
Hoje é só lembrança.

TUDO COMEÇOU NO TERREIRO

O mestre da sala olha para seu neto e diz:
Esse é uma das minhas sementes.
A umbanda sendo passada de geração em geração.
As danças, as festas, os batuques, as músicas,
As vozes, o trabalho do pai de santo.
A umbanda se espalha como semente,
É o terreiro que todos querem
Querem, mas condenam
Condenam como hipócritas que são!
Porque quando o sapato aperta
É pra lá que eles vão.
Vão às escondidas
Porque nossa origem sempre é repudiada.
Mas não me envergonho
É no terreiro que deixo meu coração,
meus sorrisos, minhas companhias e minha alma.
Também é onde deixo os ensinamentos da minha avó,
Onde sou abençoada e guiada por Xangô
Onde sou ensinada pela menina do maracujá
É onde me criei, é o que mostra o que sou!





BRUNO TRAJANO

Bruno Trajano é escritor independente, palestrante e fundador do grupo de Artes Mistas: Arte Viva. Com experiência na área da comunicação, possui um podcast chamado Conversa É Essa?, além de um programa de Rádio Semanal. Tem atuado com palestras e oficinas sobre escrita e a literatura negra. É bastante vocal na discussão de temas como saúde mental e negritude.

MANDACARU

São os espinhos
Que ganham forma
O vento vem e sopra
Traz tanta coisa
Mais que só intempéries
E outros amigos ciscos
Em mim esses espinhos
O sol queimando
No mar de cima
Passeando e Marcando
Demarcando,
e seu ponto provando
Que é testar limites
e prover força.
Finalmente os espinhos
Ao meu redor toda a terra
E verde e relva
Calma e festa.

A chuva vem visitar,
Quase me leva
Me esfria,
me faz promessa
Renova,
provoca
Então some,
como em outrora
São os espinhos
em mim agora
Enfim ganhando força
Ensinando a defender
Me permitindo proteger
São meus espinhos
Me fortalecem para o viver

NASCE DE MIM

E o que nasce de mim
É cor viva é noite quente
Olhos que vivem tudo, se amando,
Antes que venham as correntes.
Pensamentos inconsequentes
Dançam com a lua nascente.
e nasce de mim
Arrebatado, grito silencioso
Da cor do sangue
Pois ele é preto,
E só sabe disso
quem precisou ver ele secar.
Chamaram de vida,
Mesmo que pareça só
Dor assistida.
Nasce de mim
Nasce com meu grito
Enquanto suplico
Que me ouça
Canto em castigo
Contido, mas canto,
Na minha são voz resquícios.
E nasce de mim
Dos meus olhos,
Lágrimas cometas,
Pelo céu todo.
O mar negro cheio de luz.
Com os olhos
que já enxergaram mundos.
Nasce com meus ritos
Das batalhas na madrugada
Todos os riscos
Na pele e na jornada
Recuperando de volta minha arte
Meu culto, cultura trancada
E nasce de mim

Com meus ossos
que lutam a sua guerra
Minha alma
que busca minha terra
E minha paz que ousei roubar.
Nasce de mim.
Da minha pele preta
Feita para marcar,
Carvão no papel escrevendo
As histórias do meu peito.
Meu terreiro.
Minha vida é tinteiro
Para marcar o mundo.
E nasce de mim.
Nasce do meu sangue
Espalhado pelos meus filhos.
Minhas herdeiras
Pintando a terra
Um rio de vida
que nasce de mim
E nasce com meu povo
renasce e morre
Só para nascer de novo
E ela nasce de mim
Ela nasce em mim
Ela vive
Porque eu vivo





CARVALHO

Artista multilinguagem, Carvalho colabora ativamente no cenário do audiovisual da Região Norte do Ceará, através da composição e produção de canções e trilhas sonoras originais, assim como desenho de som e banda sonora de um modo geral. Para além da música, escreve em prosa e verso junto ao movimento literário sobralense “A Poesia é um Saco”, tendo em outros contextos experienciado a atuação, a escrita de roteiro e a direção no audiovisual e no teatro.

VENTO DE MUDANÇAS

Vento de mudanças soprando frio
Vento seco, gélido como o rio
Vento sem direção ou sem sentido
Vento sem ti é vento dolorido

O tempo sem freio correndo torto
O tempo sem porto é navio solto
O tempo morrendo me fez senil
Do tempo que passo nesse Brazil

Fora que falo que fico calado
Fora de hora meu fardo é pesado
Fora que agora meu corpo esquecido
Fora do corpo pra mente decido

A mente dormente de medo e cio
A mente da gente é um lago sombrio
A mente desmente o que o corpo sente
A mente doente é a mente da gente

Sobral-CE, 05 de Agosto de 2021

MAR DE TI

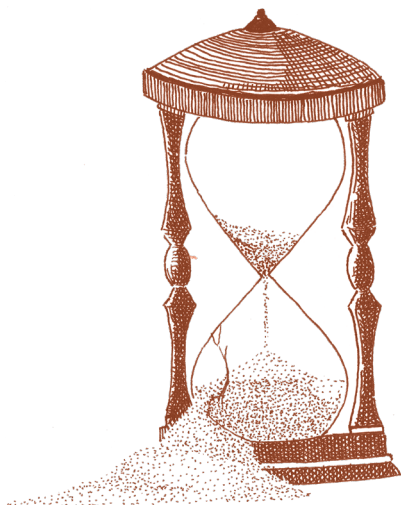
O corpo pede mais
Quando vejo teu corpo
O corpo pede cais
Desembarque do gozo
O corpo pede, mas
Perece ao vão do tempo
O corpo pende e traz
Tormento ao pensamento

O corpo é sua voz
Dá cor ao sol cinzento
O corpo geme atroz
Conforme o movimento
O corpo verte, faz
O despertar da pele
O corpo inerte jaz
Após um ápice leve

O corpo é a cor do sol
Queima por dentro insano
Teu corpo é o teu farol
Guia o toque profano
O meu corpo é um navio
Perdido no oceano
Guiado pelo cio
Do teu corpo afano

O corpo é como o fim
Seja por bem ou mal
O corpo é marginal
Quando é longe de mim
O corpo é traição
Um pecado em si
Quando me afogo então
No infindo mar de ti

Sobral-CE, 13 de Novembro de 2020



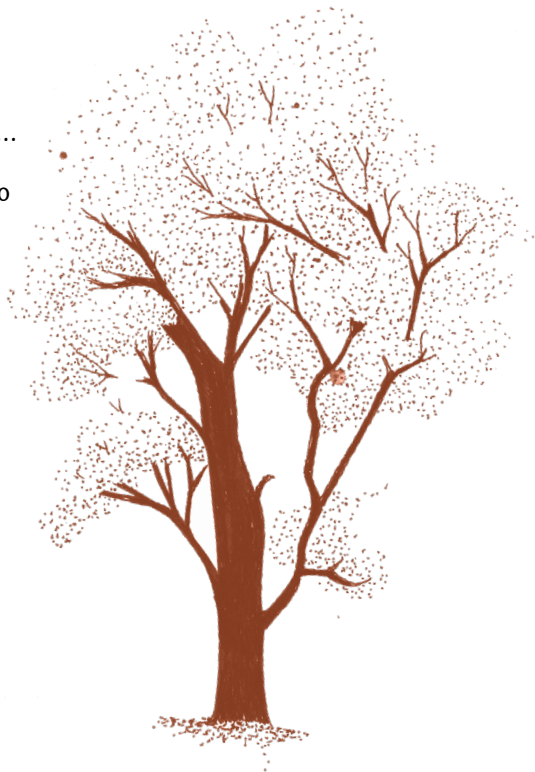


DAIANA MACIEL

Multiartista. Sou graduada em Psicologia e, através de cursos diversos, estudo modos de artistar. Também através de pesquisas próprias e experimentações. Abri a terserTão no mundo para ampliar o alcance e os encontros sensíveis-poéticos onde crio artes para sentir no tempo.

REENCONTRO

Naquela árvore
em que você chora
sob a sombra das folhas ...
Naquela árvore
há também um passarinho
cantando na copa.
Mesmo na sombra
poderá ouvir
o que ele diz
sobre a vida.
Quando conseguir
olhar para o alto
poderá ver
o quanto o passarinho
se parece com você.



NA INTENSIDADE DE VIVER

Na última hora
o corpo esquece de contrapor.
E todo gesto se torna completo.
E todo espírito senta numa cadeira de balanço
na varanda interior.
Ainda que em palavra
fina e inaudível.
Não há tumulto.
O desespero desembarca no pé
- da cadeira - feito um mané-mago satisfeito
fitando a desconjuntura humana.
É nesse momento que tudo se sente
e quase nada se movimenta.
A fuligem da guerra encontra o vento.
Se dispersando. Acabou?
O sol chega no centro dos olhos
dizendo: “fecha! Não há para onde ir?
esteja aqui!”.
Esteja aqui e esqueça o que está perdido.
Esteja aqui,
ainda que desconjuntada
e humana.
Ainda que frágil e impermanente.
O corpo não se desfaz ...
deixa o vento balançar a cadeira!
Escuta a estrada!
Há uma xícara de chá ao lado.
A amargura precisa de um tempero
para mudar o sabor.
Nada está vencido.
Não há o que pensar,
não há o que fazer,
não há para onde ir?

Esteja aqui!



DEDEZAUM

Natural do bairro Nossa Senhora de Lourdes, em Ubajara-CE, começou na arte desde que se entende por gente, desenhando, até conhecer o rap aos 14 anos, tendo como referência Fação Central, Don L etc. e seu irmão mais velho, que o apresentou à ponta do iceberg da cultura e começou a também escrever suas ideias e vivências. Lançou seu primeiro single em colaboração com o DJ e produtor Enejaru e o MC Dedezaum intitulado “Fé no underground”, fez participação

especial no EP “Recriatura”, dos Bardos, na faixa que introduz o EP. Fez sua primeira apresentação no evento Desmantelo Cultural, organizado pelo coletivo Artenokilo, e está finalizando o single “Retirante” em parceria com o rapper Jó Odara.

500 ANOS DE PORRA NENHUMA

02 - Bom dia, favela!
Chegou o despertador!
762 às 7:22 acordando o trabalhador

O Ak-47 tá cantando desde cedo
Essa é a trilha sonora do gueto
Por coincidência a bala da polícia
Só é encontrada no corpo preto

Fuh, fhuuu, correndo para não mais um suspeito
parar no sus com uma bala no peito
Viver no susto dentro de um leito
Virar assunto, alvo de preconceito
Virar discurso da extrema direita
Mais um neguim que morreu porque não quis viver direito

32 - **Embaixo do Cajueiro**

Parece nunca mudar, há 500 anos já é assim
É sempre o mesmo discurso, mesmo político e o mesmo filme
Cê sabe, é impressionante o quanto essa gente quer nosso fim
Tem sempre a mesma aparência e um jeito padrão de se vestir
Branco, terno e gravata, gel no cabelo e colarinho
Quem rege as nossas leis tá no privilégio e tá nem aí
Devolve o lugar de fala, a partir de agora vai ser assim
E quem não me representa não vai mais falar por mim

Essas ruas são campo minado, cuidado onde pisa,
cuidado onde erra
Me sentindo expressionista
Fazendo arte em meio a guerra

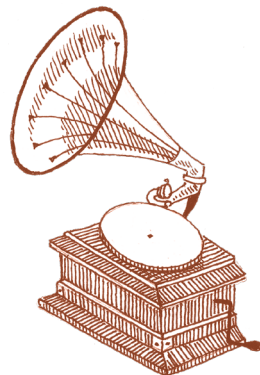
Quem dera esse “patum” fosse só o tambor lá do candomblé
Quem dera não acertasse o menor com a bola no pé

Cenário que lembra a Síria
Quem vem de fora se admira
Playboy só sobe pro baile, se entorpece e repete gíria

Cartão postal seria a pintura de guernica
Tem nada a ver com a novela ou com o clipe da Anitta

Traçante passando parecendo ovni
Bala voando mais do que um drone
Vai ser difícil de pegar o bonde
Bota a cara, isso não é pique esconde
Escuta a rajada tu já sabe onde

Largaram o dedo pra cima dos homens,
no país do mapa da fome,
onde só a bala que come!



EU VEJO A ÁFRICA

Eu vejo a África...

Desde a travessia trágica, eu vejo a África
Do continente mãe
Vim no seio da mãe
Fim do sonho da irmã
Sobre o mar de Iemanjá
Soprou os ventos lansã

Com a cruz vindo de lá escravizaram
Os azuis do céu e mar testemunharam
O salgado choro
O malvado loiro
Levando o ouro
E chicoteando nosso couro

O tinir dos ferros
O estalar do açoite
No estrelar da noite
Até o sol quente do dia
Junto com gritos e gemidos
Formaram a horrenda sonoplastia

Ê África...

trouxeram seus filhos de modo crítico
Sob o amargo cítrico, quântico
Quantos dos seus corpos não ficaram pelo Atlântico?

O embarque na Bahia
De Guanabara ou todos os santos
Vindo de Cambinda
Eram tantos que nem cabiam no mar salgado de prantos
Reis e rainhas
Que falavam yorubá, nagô e banto
Viu a covardia, na fisionomia maligna do senhor branco

Eu vejo a África

No rosto retinto exposto, que resistiu e não desistiu da sua fé
Lhe foi imposto o cristianismo
Criou se a umbanda e o candomblé



Eu vejo a África, em cada ritmo, em cada fala
na marcação do tambor que comunicava a fuga da senzala
No agueré para Oxossi
Pra Xangô o alujá e em cada toque específico pro seu orixá

Eu vejo a África
Na tia Ciata baiana que formou um terreiro em seu quintal
com sol no céu
do semba ao samba tocado na pedra do sal
Foi perseguido por ser de preto,
hoje é considerado patrimônio cultural

Da Áurea fake
Na aula sei que
Não ensinaram sobre a falsa libertação e a repressão rotineira
Em toda gira, ginga, jongo e capoeira

Desde o império a nova república
De forma pública a elite racista desdenha
Hoje criminalizam o funk
E sem nenhum motivo prendem Renan da Penha

Ainda bem que essa África também foi luta,
labuta, persistência e resistência

Foi subversão contra submissão
Foi suor que salgava a ferida e regava toda plantação

Foi Anastácia, a escrava mais linda, filha de Oxum
Foi besouro e Zumbi dos Palmares guerreiros de Ogum
Luis Gama, Machado de Assis, revolta dos Malês e Luiza Mahin
Dandara, Marielle e Tereza de Benguela
Do Quilombo à favela, na fala coloquial
Confrontando todo resquício colonial

Toda essa luta para que não haja mais valão e valongo no gueto
Que os chicotes modernos parem de atravessar os corpos preto
Do grafismo ao grafite
Do batuque ao bass, que balançam os pés na quebrada
Agradecemos a África,
pois sem a diáspora nossa cultura seria nada.



DUDA DAS CASA

Duda Rodrigues é Poeta/escritora independente, produtora cultural, facilitadora e comunicadora. Produziu saraus da juventude Fogo no Pavio (2016 - 2021), é responsável pela trend e arte “E FORA DO STORY TU TA BEM?” (2021), foi pesquisadora no podcast Literapretacast (2022) e atualmente está na produção cultural e na equipe de comunicação do Coletivo Bota o Teu. Contribuiu com a poesia “Desencontros”, para a Coletânea de Poetas Brasileiros (Editora Persona,

2022), com a poesia “Atravessada”, para o Poetiz-AR uma vida esperanç-AR (CEBI, 2022), com a poesia “Ruas e casas”, para a Coletânea Poesia Viva (Coletivo Fomento Literário, 2022), com a poesia “CORTES”, para a revista LAUDELINAS, organizada pelo selo editorial Mirada Janela, e “Quero”, para a zine virtual Quintura. Em 2022 lançou “Iniciando a despedida”, uma zine virtual e independente; em 2023 passou a integrar a coletiva de artistas negras de Fortaleza e Região Metropolitana Sarau das Pretas - Pretarau e lançou “Rojo”, uma zine virtual e independente.

O BOLO

Sentadas na calçada tomando café
eu, mainha e minha vó
sentimos uma vontade imensa de comer bolo
não tínhamos dinheiro e nem forno

Numa manhã no sofá da sala escuto um barulho na porta e
quando abro, minha mãe vem subindo e um homem a acompa-
nha trazendo com ele um fogão pretinho e novinho

Alguns dias depois
eu e mainha
sentimos uma vontade imensa
de comer bolo
dessa vez tínhamos ingredientes e forno,
fizemos nosso primeiro bolo no forno novo

Bolo sabor laranja com cobertura de limão e café amargo

Cada mastigada carregava uma lágrima de saudade, pois a vó não estava aqui pra rir, comer e lamber os beiço

Amamos café da tarde com bolo,
a saudade da que foi
e fez história traz sabor
pras degustações
e receitas
de coisas gostosas
que amávamos fazer juntas



MAIO, COSTURAS, PONTOS E

Quando pequena, gostava de admirar os pontos de costura que minha vó fazia em seus retalhos... sempre que as roupas das minhas bonecas rasgavam eu pedia pra ela ou pra minha mãe costurar.

Numa tarde quente de um dia qualquer, minha vó disse que ia me ensinar a costurar para que eu não precisasse pedir mais nada a ela (risos), de todos os pontos o que eu mais gostei de aprender foi o corrido, mas o que eu mais fazia era o invisível... furava os dedos quase sempre e me assustava quando saía sangue e minha vó sempre ria e dizia: “se você parar pra chorar toda vez que seu dedo sangrar, vai ficar velha é cedo”

Depois de alguns furos de agulha eu já não chorava, pelo contrário, botava o dedo na boca e chupava o sangue.

Hoje, costurando alguns panos lembrei dos lençóis, das colchas, das fronhas, das capas de sofá e tapetes que minha vó costurou e que ainda guardamos aqui junto com a lembrança que temos dela.

O ponto corrido, aquele que eu amei aprender, correu com tempo quando o Alzheimer lhe alcançou e em ponto cruzado, costuramos nossos últimos dias, que pareciam ser todos pois tínhamos que refazer e criar novas memórias

Eu sinto saudades e nesses últimos dias ela tem aumentado, deve ser porque é maio...



EROS

Artista e estudante de filosofia buscando explorar todas as formas de arte possível. Escrevo, componho, desenho, crio, faço e desfaço desde que me entendo por gente nesse mundo.

MOVIMENTOS

Eu tenho medo.
Medo do medo
Do medo do
Medo.
Só sinto que não sinto
Mas que sei sentir.
Dia desses acordei cedo
Desde então não sinto minhas pernas.

Medo do logo mais,
Medo do após.
Só o que tenho é medo.
Quero ir no até ali,
Quero ir até então,
Pular o muro,
Dar razão para a falta de juízo.
Você me entende, é fácil.
Naípe de copas, naípe de espadas
Naípe de paus, naípe de ouro...
Quase tudo no plural.
É fácil, veja bem:
1, 2, 3, 4, 5 lá vou eu!

Não fui e nem vou.

SAUDADE DE LÁ

Língua viva e língua morta,
Se falo penso
Se penso, falo
Se vejo:
mar
Se sou:
manga.
Num céu branco e azul
E chove
E corro
E tropeço.

Farinha, sal
Água, terra
Fogo e forja
Carros, prédios
E tudo gira
No presente
que você me deu.

Se sou passado: raiz
Se sou presente: caule
Se sou futuro: fruto
Acerolas, seriguelas, cajus
E novamente mangas.
Eu quero uma semente
Das que se come nas gaiolas.
Eu quero um brinco e um colar
Iluminados pelo sol.
Eu quero ir por onde não fui
E concluir disso o mesmo,
Quero saber o que não sei
E depois esquecer
Como uma tarde
Na mente de uma criança.

Um dia andei reto
Hoje caminho torto, desengonçado
Lembrando com carinho
Das memórias que um dia sonhei
Como quem sonha com o futuro
Sem saber que
o futuro não existe.
Só existe eu e o que eu toco
Construo o mundo
do meu ponto de vista
Eroscentrismo.

E as imagens já não aparecem
E as gravações foram apagadas
Tudo é falta
Tudo é grotesco e assustador.
Sento no meu cérebro e observo
Tudo no plano de Deus é perfeito.
Tudo está em seu lugar,
não há faltas
Só existe eu e Deus.
E antes de dormir eu lhe vejo no teto
Tenho medo, quero sonhar.
Por favor, me deixe sonhar.





LEON KENEDY

Sou Leonardo Kenedy Figueiredo de Oliveira. Nasci em Sobral em 06/04/2004 e ainda hoje, desconheço meu verdadeiro nome. Sou um homem gay, autista, vegetariano, amante de plantas, artes marciais e poesia. Escrevo, sazonalmente e sem ambições, desde 2021, ano em que meu tio me mostrou seus poemas e morreu.

DEVASSIDÃO MASCULINA

Sou homossexual sem cenobio, dando escarros de naupatia
Aos sáxeos seios de minha ex-namorada, dama, vadia!
Senti a moléstia em meu pênis, da infância,
se tornando o terror da fantasia.
E para minha pecaminosa libido, não suportara alopatia
Amputo minha masculinidade, com sisos escalpelos,
delícias de falectomia...

Ou céus! Acorrente o cuspe! Engole meu asco!
Pois nesses arroubos abusos da Goecia; prática da bruxaria:
Pululam liames ego-distônicas, e pungentemente esvazio meu saco
Rijo com outro macho! Era dele a rutilância!
Em seu gozo, os olhos luziam a noumenalidade do prazer!

Não, não, não! Azidagas hiemais! Se transformara no demônio Marbas,
Leão gorfado, refeição do câncer. "Quem te abortou?"
Segue, copulando com seu bafo o fumo da miasma em minha boca.
Acordei em saltito... Atro, abstêmico, afrodisíaco... aterrorizado!
E em minha consciência, pesa a sintomatologia psicótica da malária!

LABUTA DE LAÇOS

para meu melhor amigo, Vincy



— Doce Fanny Addams. As vozes disseram-me
Após largado tão lúbrico, molhado,
me fui com trióxido de arsênico, brindei.
Perdi luzes telúricas, um rim louco
Chistes Freudianas, poupou nada. Coração: tampouco!
Suco de fleuma, me expresso com aqueles:
“os pensamentos menos premonitórios que eu jamais pensara”.

Devolve, você, o meu próprio amigo:
Fez em mim uma lavagem, cicatrizando meu umbigo
Zadock Adkins, sou eu, no poço
Saqueeie o ventre de Eliza, atira suas vísceras às moneras, com adaga de aço
E que sirva, ela, de estrume! Minha idílica glotonaria, é o húbus
E abrolha tampões, calando o igneo do fosso, arde a primavera
Com sua ignomínia boca, derruba com arietes o útero da velha era
Derruba e corta, antes mesmo do parto.

Somos nós enfermos, doença ubíqua e endêmica!
Regamos o solo com nossos líquidos espermáticos
Aquela patogênese é a patogênese de todos: da Terra
Violência e desejo, maldade filogenética
Que eu assisto e só, revirando páginas, em corpos midiáticos
Cego, me ofusca, luzes plenilúnias à guisa da acerra.

Desprezo os homens, que põem Luís XIII a dar o “benzinho da Infanta”
Quimeras dionísicas, dispostas e regadas das mais plácidas barbáries
Obra da decomposição de veias neurais em ectasia
Que só temem o tremer do sartório e grácil de Frederick Baker.

Me salvara, salvara mesmo, da indolência naquela rua de raça
Da indiferença naquele amontoado de vacas
Não vi sua face, antolhei hirto cobrido pelo halo do céu crepuscular
Agora vamos embora. Toco, me despeço, até amanhã,
Que pois os ruídos lúdicos e imundos dos conventos
São mesmo daquele ancestral ofício que nós partiremos mais tarde.



LÍLIAN SILVA

Sou filha de Maria e Eneas, nascida em Coelho Neto-MA e cria de Sobral-CE desde 2001. Mulher cis, preta, poetisa, produtora cultural e, também, psicóloga graduada pela UFC-Sobral. Ao longo de minha trajetória litero-poética participei dos Slam da Quentura e Slam das Cumadi, na cidade de Sobral-CE; tendo sido campeã na 34ª Edição e 3º lugar na 37ª Edição. Encontrei na literatura meu lugar de transbordamento.

CORAGEM

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
tudo que se passa aqui dentro
e no meio do caos encontrar
criatividade e muito denço

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
que ontem morri mais um pouco
e que a cada porta fechada
sozinha preciso me refazer de novo

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
as vivências de um corpo preto
que desde cedo soube
o que vem primeiro
não é o amor, é o medo

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
que no meu próprio mundo
me sinto estrangeira
e às vezes até chorar
as dores de uma vida inteira

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
dos grilhões emocionais
que nunca me deixam ter paz

é preciso coragem
pra vir aqui e recitar
que na rodinha do amor
pareço não poder sambar

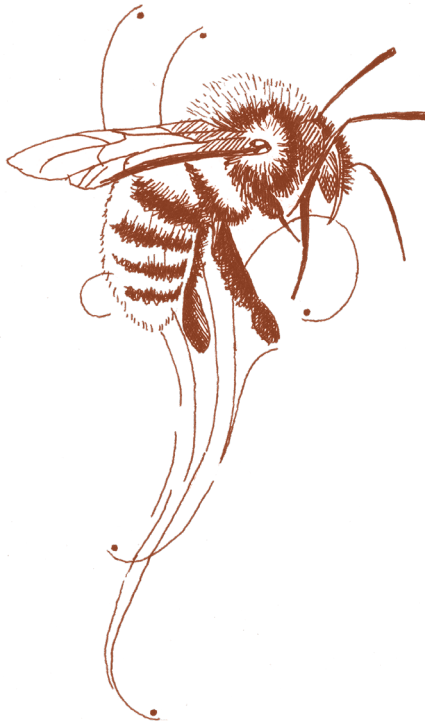
é preciso slam
pra vir aqui e descobrir
o que nem eu sabia de mim

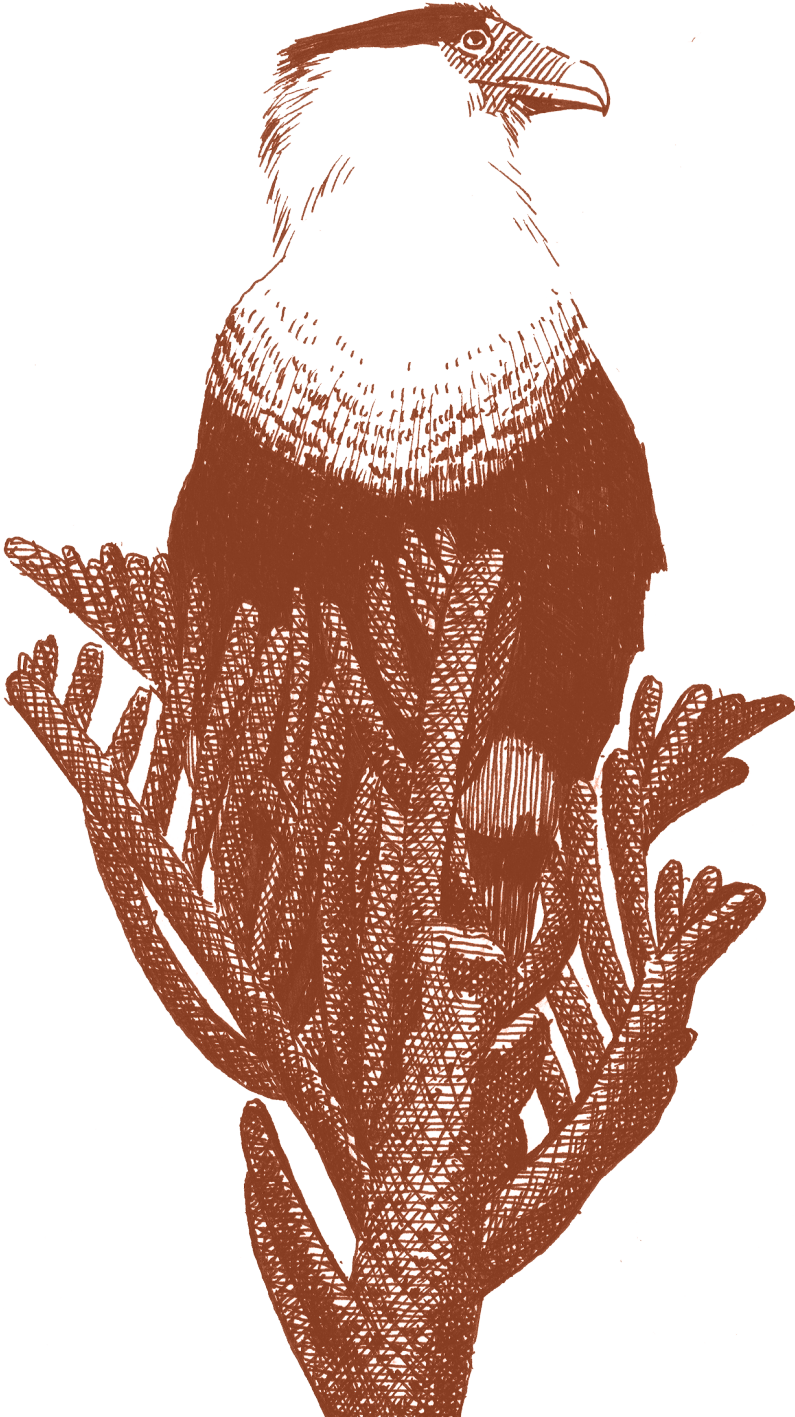
é preciso slam
pra vir aqui e assumir
que talvez nem eu
goste de mim tanto assim
e por que? por que?

é preciso slam
pra vir aqui e usufruir
do meu direito à vida
e por algumas horas
não temer existir

é preciso slam
pra vir aqui e responder que
é porque minha cor não é padrão
é porque minha sexualidade
não é padrão
meu pensar não é padrão
meu sentir não quer ser padrão
e do seu deus, dispenso o perdão

é preciso slam
pra vir aqui e encontrar
algo semelhante a um lar
e assim poder viver
toda a potência do meu ser





(CID)ADE

são as linhas retas
tenho certeza que são elas
as linhas retas de carvão queimado
no seu vai e vem insano
acelerado
que nos roubam o olhar demorado

tenho certeza que são elas
as cápsulas de isolamento
revestidas de tecnologia
camuflando o seu veneno
com doses homeopáticas
de uma fingida alegria
esse veneno letal
que não leva
não leva!
o corpo à decomposição
esse veneno letal
a que chamam civilização

são elas
sim, tenho certeza que são elas
as linhas retas de carvão queimado
invadindo a floresta verde
e em nossas memórias
cravando monstruosas pegadas
alterando o ecossistema
dizimando pessoas-mundo
e nisso ver nenhum problema

as linhas retas
aquelas inventadas como destino
as linhas retas
de uma única história
as linhas retas
de um único caminho
guiando corpos inertes
embebidos em seu veneno letal
que não decompõe o corpo
não!
não decompõe o corpo
é paralisia mental

corrói tudo por dentro
das tripas ao coração
deixando um buraco
um vazio
um sem fundo
um sem chão
um sem mundo
mas o corpo tá lá
seguindo as linhas retas
sabe as linhas retas?
aquelas com fitinhas amarelas
as linhas retas que vendem
como razão
as linhas retas de carvão queimado
sabe?
que desbloqueiam memórias
de violências atemporais
aquelas linhas retas
que nomeio solidão



MATEUS LIRA

Mateus Lira é escritor, poeta e produtor cultural independente. Nasceu em 1996, em Cariré, Ceará. Em 2015 caminhou por Anchieta e Rocinha. É graduado e mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Tem textos publicados nas seguintes revistas eletrônicas: Revista Sucuru (2021), Revista Tamarina (2022), Ruído Manifesto (2023), e Mormaço Editorial (2023). Participou da Coletânea de Poetas

Brasileiros Contemporâneos (2021), pela editora Persona. Memórias Agrestes (2022) é seu livro de estreia, pela editora Isto Edições, de Porto Alegre. Atualmente reside em Sobral.

CEMITÉRIO DE VERSOS

quanto de solidão
suporta a epiderme
por entre a
seca textura
a saudade?

RECEITA PARA GUARDAR UMA MEMÓRIA

um punhado da
areia do mar
que você pisou

algumas conchas
que só você viu

algumas gotas
da água do mar
já escorridas
no seu corpo

algumas pedras
encontradas na areia

um céu estrelado
e o cheiro da
pele de sândalo

tudo isso dentro
de um pote
de vidro

para que assim
outros
também possam
ver a memória.





MOON KENZO

Moon Kenzo é uma cantora, compositora, atriz, comunicadora e escritora sobralense, estudante de Letras - Inglês, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Seus devaneios poéticos não se prendem a uma só linguagem, mulher de língua ferina e escrita assertiva, sem conseguir espaço na literatura acadêmica encontrou em suas canções lírico-narrativas sua voz, mas sem nunca esquecer o caderno de poemas parmasianistas

que cultiva desde os seus 18 anos. Muitos desses viraram presença cotidiana em séries de textos no Instagram da artista, tendo como tema a transgeneridade e a representação da corpa gorda e preta em prol do desenvolvimento de um protagonismo hegemônico, criando representatividade e possibilidades através da arte.

""Se a Língua é uma arma, a minha submetralhadora carregada com infinitos pentes." (KENZO, Moon)

(KENZO, Moon)

SANHA

Não há noite quente ou dia frio, que te afaste do que um dia eu fui, mas um dia você irá entender o que eu sou.

Um dia, a lembrança de cada toque, mordida ou arranhão arrepiará tua nuca ensebada ao perceber o quão fundo eu os fiz.

Um dia, cada gota minha de saliva depositada em teu corpo queimarás em pura falta de abrasão, a saudade do meu corpo no teu, encherá teus dutos lacrimais de pestilento pus.

Vomitarei cada parte que sobrou de ti em mim, nem que me abra a faca e recolha cada caco encravado em minha carne. Restos pungentes que envenenam e azucrinam.

Violenta cura que me salva futuros dias. Atroz auto sequestro que me mantém viva. Perdão é feito para imaculados seres que temem pela sua alma.

Ódio e rancor me organizam, me disciplinam.

A conciliação é uma piada racista que todos riem, ou pior, que todos escondem que riem. .



INVIDIA

Dói saber que não há romance quando o corpo é o meu, não vão me levar rosas ou a um parque, não vou ser cortejada ou carregada, que o jantar que sempre me levam é o podrão onde ninguém de relevância social ou respeito próprio vai. Que além da cama, eu sou vazia, que por mais que eu seja linda, nunca podemos ser vistos juntos e que por mais que eu seja engraçada, só você pode escutar meus gracejos.

Hoje, sou a maior crítica do amor colonial e não é por sua causa, além de bom de cama suas qualidades morriam quando eu ia pro chuveiro. O fato se dá, olhando bem de perto, em precisão quase cirúrgica, eu nunca tive amor, nem o próprio nem o seu, nem o deles, nem quando usava calças, muito menos agora de saia.

É constante a retórica do meu corpo doente, nojento, fedido, ferido, que não faz o tipo do sinhôzin ou do capitão do mato e por muito tempo, isso era um fato. Até o momento que eu percebi que das pombas que eu gostava, nenhuma delas comia migalhas.

Flores para essa dama? só em seu enterro.

Eu sinto muito que vocês não vejam, o que eu vejo.

Tudo normal no inferno da normalidade, condição pedante, constante, de quem é dissidente.



NATÁLIA MAELLY

Meu nome é Natália Maelly, e escrever tem sido parte integrante da minha vida desde muito cedo. No entanto, foi na poesia que encontrei minha verdadeira voz, sendo este o lugar onde consigo me expressar de forma plena. Até o momento, minhas incursões na escrita têm sido principalmente poéticas, refletindo meus sentimentos por meio de versos. No entanto, pretendo compartilhar meu

mundo interior por meio das minhas poesias e espero um dia poder compartilhar essa experiência com todos vocês.

O QUE EU APRENDI COM MEU PÉ DE ATA

Aprendi a ser paciente com meu pé de ata
E, assim como ele esperou o tempo dos seus frutos
Eu também vou esperar.
Mas, enquanto não chega esse tempo
O caju vou saborear.
Aprendi a aplaudir as bênçãos dos outros
Enquanto as minhas estão a chegar.

O cheiro da chuva que molha essas folhas e as faz crescer
A mesma chuva que me molha
Quando eu também preciso me desenvolver
É essa memória olfativa que me faz querer continuar
O cheiro da chuva me lembra a paz
que fica quando a tempestade acabar.

E aqui do lado de fora,
Tenho um céu, um arco íris
Uma criação inteira e um criador
Tenho um violão, tenho intimidade
E uma poesia inteira sem falar de dor.



VIDAS COMPARTILHADAS

Do lado de cá escuto um som
É o mesmo senhor tocando no mesmo tom
Ele usa seu dom pra ganhar a vida?
Ou ele ganha a minha vida com o seu dom?

Do lado de lá ouço alguém gritar
“Bom dia, moça bonita! Compre uma balinha pra me ajudar?”
Ele guarda o dinheiro consigo
Eu levo o sorriso comigo
E uma balinha de brinde pra me recordar.

O sol faz suores pingar
A chuva não é empecilho
Eles acreditam que nós os ajudamos
Mas são eles que estão lá quando eu preciso.

Essas pessoas não são figurantes
Essas pessoas fazem o meu dia
Esses encontros são tão importantes
Como pra vida a poesia

Essas pessoas também me educam
Quando estou a caminho da universidade
E mais do que fazer parte do meu dia
Essas pessoas são a minha cidade.



PRETA POETA

Preta Poeta é escritora, slammer e historiadora, nascida e criada nas terras encantadas do Cariri cearense. Tem coração amador, é apaixonada por lugar que tem água. Na área artística atua principalmente no campo da poesia escrita e falada por meio de torneios de slams, saraus e performances poéticas, é também autora do livro “No mar de silêncios gritei poesia” (2022), pela editora Toma aí um poema,

além de experimentar atividades de formação com oficinas de escrita em espaços de educação formais e informais, tendo como principal foco a poesia slam.

CONTRA O MEDO, CORAGEM

Cansada de tanto choro
quis escrever algo que saísse diferente
que pudesse falar de felicidade
pulsante dentro da gente.

Então segui pensando:
Felicidade é...
Felicidade é...
Até que escrevi:
“Felicidade é aquele beijo de boa noite dado na hora da despedida”

E ficou uma frase tão bonita...
Mas lembrei que o beijo não foi dado
e de como o medo deixa o nosso corpo paralisado.

É que no escuro da rua, Va gente não enxerga direito
e quem sabe ali do lado talvez haja preconceito,

quem sabe o ódio siga nossos passos,
e quem sabe um beijo dado talvez custe a nossa vida.

E um beijo não vale uma vida.
Um beijo não vale uma vida...
Não é?!

Então segui pensando
em como felicidade pra mim e pra tanta gente
está em coisas tão pequenas...
Em gestos que são negados
a sujeitos e corpos “desviados”,
em como felicidade pra nós
é coisa besta.

Coisa besta...

É não ter que pensar duas, três vezes
antes de demonstrar o nosso amor
porque isso pode trazer consequências
uma porrada de violências
é não ser reduzido a um rótulo
aonde quer que a gente for.

Felicidade pra nós é coisa besta.

É poder sair de mãos dadas na rua
sem ter o medo como guarda-costas
é não ser julgada por ser como se é
ou gostar de quem se gosta...

Felicidade pra nós ainda é como privilégio.

E eu sei que muitos vão me escutar
e dizer que tudo isso é vitimismo q
ue nem sei do que tô falando
ou até mesmo inventando...
Que hétero e cis é o novo oprimido.

E sei mais ainda
em como pensar em tudo isso

fere o coração que muito sente
e que por sentir tanto
quer pôr pra fora
o choro dentro da gente
mas lembrei que tava cansada
de escrever como quem chora.

Por isso a cada enfrentamento
escreverei como quem transborda
Buscando na poesia, cura
Nas palavras, armadura
pra que eu não chore mais...
Ou pelo menos não agora.
Porque a gente precisa seguir

E seguiremos!

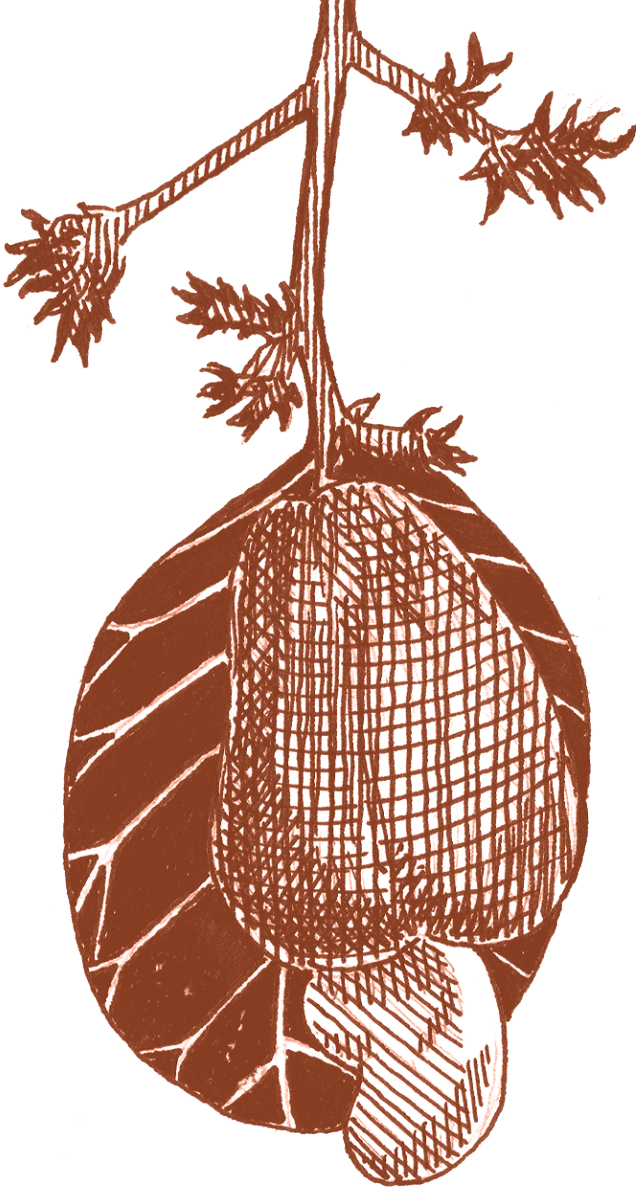
Carregando mais cicatrizes do que os olhos possam ver
Levantando a cada queda
Sentindo o peso dos olhares,
mas lembrando de como era
sufocante se esconder.

E seguirei pedindo com toda a minha vontade
pra mim
pra nós
e também pros amores que ainda não podem ser

Calma
e como o Pedro Bomba:
“coragem”.

Que amanhã é outro dia
e há de haver poesia
e imensidão
e gente
e amor podendo ser...

Coragem.



SALVA-VIDAS

Eu sou tudo aquilo que me perpassa,
também sou tudo aquilo que me marca
mas sou bem mais que isso...
Só que às vezes é difícil
lembrar
Quando todo dia é um novo luto
a cada 1 ou 23 minutos
e a dor e o cansaço vão destruindo tudo por dentro
seguindo mais uma vez com o plano perverso de aniquilação
que nos mata há tanto tempo...
E dói.
Dói!
Mas eu me recuso a ser puramente a dor que me cerca
os meus momentos de crise
as minhas cicatrizes
elas visíveis ou não...
Porque eu sou mais que isso
Eu sou imensidão!
E às vezes é preciso lembrar.
E esse poema é pra me lembrar...

Que eu não sei porque sempre preferi o doce que o salgado
mas se fosse pra escolher um lado
certamente eu responderia “direito”
mesmo sabendo que é no lado esquerdo onde bate o coração
mesmo sabendo que é no lado esquerdo onde está o povo
com quem eu construo a revolução...
É que eu escrevo poesia
com a mão direita.
e poesia é salvação!

E eu, que eternizo tanta gente
e que sei, ainda vou eternizar...
E eu, que recito pra tanta gente
porque talvez elas precisem me escutar
hoje estou escrevendo pra mim
porque uma amizade me ensinou que também é preciso se salvar...
E esse poema é pra me salvar!

E pra me lembrar.

De como meu verso é grito.
É revolta.
É punho cerrado.
É murro bem dado naquilo que me bate todo dia...

Mas de como ele também precisa descansar,
respirar,
e que talvez por isso o tom dessa poesia
de como quem tenta acalmar o caos...
E lembrar.

De como há um tempo atrás eu li um livro
pra tentar aprender a salvar o mundo
e hoje estou escrevendo uma página
(só uma página)
pra tentar me salvar.

Porque no meio disso tudo,
também é preciso se salvar...

E esse poema é pra me salvar.



RAYA KELLE

Rayssa, 25 anos, é uma poetisa, escritora e compositora nascida e criada nas periferias de Sobral. Graduada na 3ª turma do curso do Produção de Perifa, ela combina sua vivência e sensibilidade em suas obras.

FUI A PIOR VERSÃO

Fui a pior versão de mim
a que te atravessou e machucou nos excessos
a intensidade de como demonstrei tanto
e percebi pouco
atravessei-me
rasguei-me a alma
a dor do coração saltando do peito
O aperto ardo e conexões falhas
afeto ríspido

Mais

Teu corpo em meu corpo fala mais que mil palavras dentro
desse ciclo quero dançar nessa chuva de sentimentos intensos
que arrepiam minha alma vou escrever sobre você até que não
me restem palavras.

TALVEZ EU SÓ QUEIRA DIZER

Eu esqueci
Na real eu apaguei
Não lembro mais como é a Sensação de estar
De pulsar enquanto Liniker entra com suas belas canções suaves
Na real não lembro mais como sentir
É, particularmente ando recriando alguma sensação
Amar é uma eterna sensação de incerteza
Ou não? Talvez essa frase esteja equivocada
O medo é uma eterna sensação de incerteza
O frio que dá não é mais o mesmo
E de novo voltamos para a incerteza
O grande vazio pelo qual não me preencho mais com palavras cheias
E costumo sussurrar em silêncio que palavra é água fresca no
copo de quem sente muita sede
Mas ando caminhando devagar, repensando sobre palavras que
ponho sobre a mesa e quero ressaltar que não falo tudo que
penso e omito boa parte daquilo que sinto, mas nunca menti.

Esse texto é sobre coisas que não sei falar ou talvez eu só
não queira dizer





RELICÁRIO

Meu nome é Adrielle, mas prefiro Relicário. Relicário significa amuleto de recordações, é na minha arte que sou verdadeiramente eu, que me recordo, mas também transmuta em alguém sem tanto medo de ser quem se é. Escrevo desde minha adolescência, tentando entender através da arte quem sou e quem posso ser. Sou uma mulher negra que usa a poesia como enfrentamento e

resistência, assim como também para demonstrar minha vulnerabilidade diante da solidão, do amor e de tantas outras experiências.

DEUS

Você reza para o seu deus me consertar de joelhos
no chão frio pelo qual já corri tantas vezes
O ritmo de sua voz e aquele rosário cor de madeira
Adornado em rosas vermelhas e símbolos que não compreendo
Você reza e me ensina a rezar
Então eu, prostrada diante de deus,
ofereço meu sangue em troca de alguma salvação
Meu coração naufrágio
Por aquelas lágrimas que formaram cachoeira na garganta
Eu rezo para o *nosso* deus
Incansavelmente
Eu rezo e o rosário agora alcança minhas vértebras
E omoplatas
E coxas

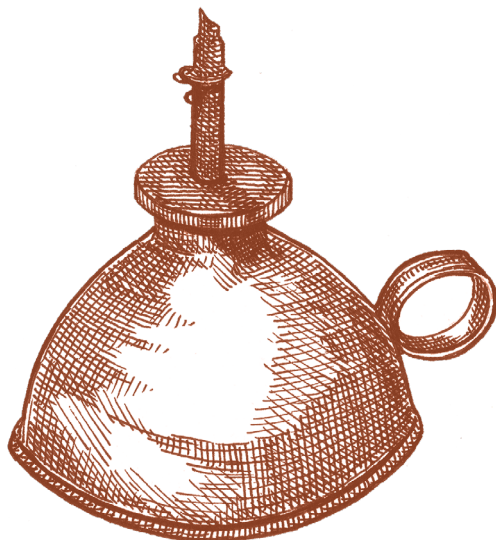
E ombros
E seios
E todo o meu corpo ávido de pecado
E todo o meu desejo de amor
E cada centímetro de pele arde
Aquece
Inflama sem cicatrizar
Você então, segura minhas mãos em oração
Pede a deus (conserte meu coração)
Pede ao espírito santo (lave minha alma)
Pede ao filho (que não me deixe cair em tentação)
Nós
De joelhos no chão
Rezamos pelo *seu* deus
E eu peço
Que pela sua glória me absolva de qualquer gostar vulgar
Daqueles olhares sem querer
Da minha mente suja de garota de 13 anos
Que nada mais quer além de queimar
Como minhas amigas fazem
(Por homens)
Mas acabo queimando de outra forma, com a ponta do cigarro
na pele que queima antes de tocá-lo
Queimo e me transformo em cinzas
Tudo isso para santificar o seu sangue
Para trazer pureza à sua família
Eu fiz tudo isso para sentir o gosto do seu amor
E toda essa sede me levou ao martírio
A um lago lícido do qual não posso beber
A árvores frutíferas das quais não posso comer

Tanta sede de você me levou a morrer com o coração batendo no peito

MEU SANGUE VERMELHO VIVO

Eu tentei me curar da solidão com seu amor
Ao mesmo tempo em que tentei usar suas mãos para me prender
E eu sei, lá no fundo, nessa partezinha de mim que renego,
que você não é especial
ou sequer o motivo da minha insônia
A verdade é que independente do seu nome, do seu sangue,
dos seus sonhos, fantasias e medos
Independente do seu reflexo no espelho ou nos meus olhos
Eu ainda assim usaria suas mãos, seu tato, suas palavras
e principalmente sua falta para me ferir
Agora eu não me importo com quem veste minha cama
e calça meus sapatos
Eu não escuto lamentações
Estou perdida, queimando em minha própria fogueira de solidão
Que encontro sempre que tiro minhas roupas
Escolhidas a dedo
Para uma outra sua
Para essa fome insaciável de um amor que me possua,
preencha e ocupe todos os espaços ociosos do meu corpo
A ponto de não me deixar pensar e sentir
É esse meu desejo de apagar os rastros químicos do céu azul
E hoje, estou cansada de mim
Desse mais do mesmo que você conhece tão bem
De não encontrar conforto em nada que não me destrua
Estou cansada
Na imagem que escondo de você vejo as mesmas angústias
que atormentam meus sonhos infantis
Fincadas em meu peito como bandeiras brancas ao vento
Os rostos brancos

Os sonhos brancos
A pintura acrílica em meu rosto de criança
Uma proteção
ou máscara você diz
Uma tentativa de pertencer a um mundo
que não foi feito para gente como eu
Mesmo que o meu sangue vermelho vivo
Que corre por minhas artérias, veias e capilares seja
o cimento que construiu cada prédio dessa cidade decrépita
Estando em todos os lugares, ainda assim não pertenço a nada
Então não se assuste, mesmo sem você do lado
eu ainda encontrarei outras mãos para me ferir
Porque toda essa solidão não me cabe no peito
Não sei viver sendo minha
Me sinto vazia, presa em um eu que tanto quero e tanto não sei ser.



ZANATTA ELLER



Bruno Zanatta Eller é um jovem envolvido com esse negócio de artes... carioca de nascença, mas crescido no Ceará, vive em Sobral há tempo suficiente para destrinchar e amar essa cidade que tem como casa. Desde muito novo é apaixonado por criar e construir com o que estiver à mente e à mão. Timidamente arrisca de tudo um pouco, mas é na poesia que gosta de botar mais de si nas improvisações, experimentações e mesmo nos padrões mais formais. “De

que adianta criar e não compartilhar, não colocar à mostra o que se produz?” - é o que tem se perguntado. Desde o ano passado ressurgiu essa vontade de publicar, então aproveita as oportunidades de colocar esse plano para frente. Não é artista de um estilo certo, mas tem um certo estilo. Seu lema é não mais ser poeta só no sigilo.

PÕE-TE POETA

Põe-te poeta!
Crie e cruze pontes
No *checkpoint*, cheque o poente
O sol assola
Que só lá se vê
Sol, lá, si... ouve? Eu vi
Dó não houve, não ouvi

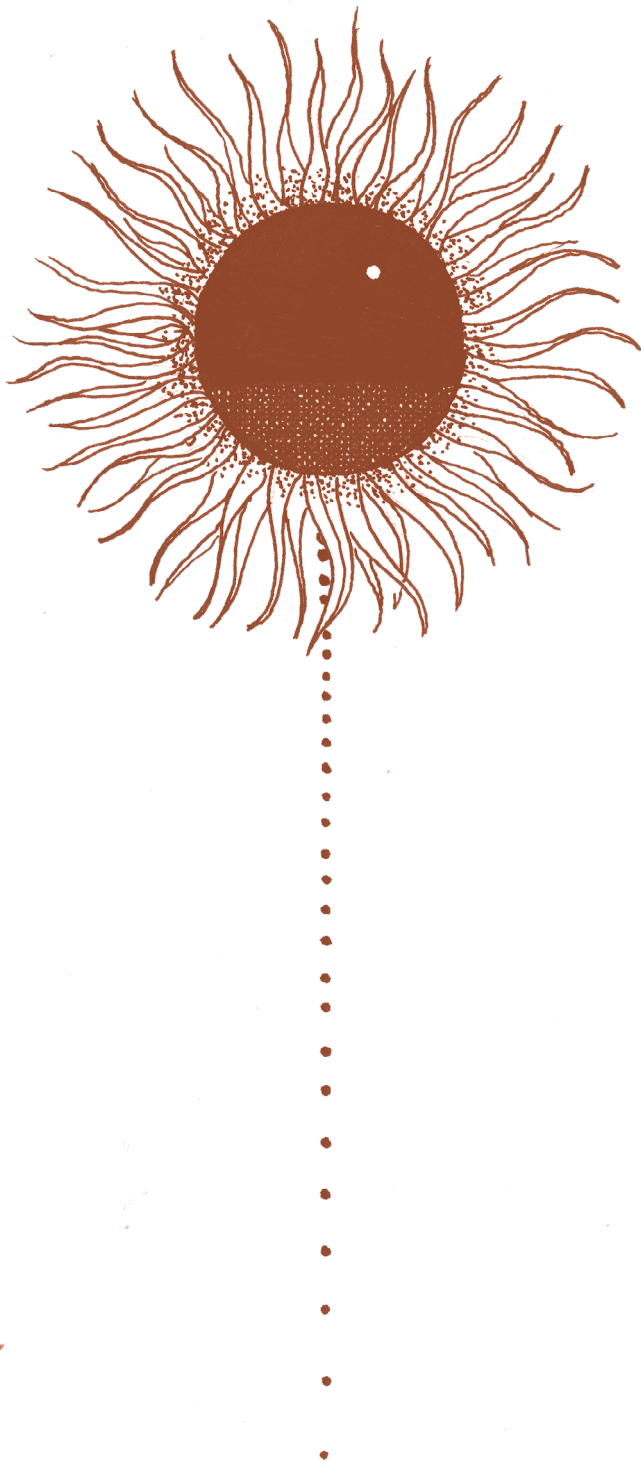
Não resolvemos a sós
Aos sóis só escrevemos
Só vi o sol, bem mal, bemol
Sem *dó* te bate o poente

Sol brabo de Sobral
De sobra, sem sombra
A sombra por si só irreal

Insolação sem enrolação
Rola ação? Cadê, poeta?
Ocupa o palco
Põe visto teu punho
Empunhe a caneta
Arrisque o risco
E arisco te meta

Pô, poeta... O *poete-se*, cadê?
Pode ser poesia *prêt-à-porter*
Põe-te tu por ter teu eu
Põe o teu
Que ponho o meu
E solemos ao apogeu

Sou da Margem, Sol da Margem
São colagens
E é coragem na decolagem
Poetas ágeis
Se põem e agem, afinal
Põe-te tu no contraponto final



REFÚGIO NÃO É FUGA

Refúgio não é um lugar tranquilo
Tampouco serve para se esconder
Era onde eu ia me encontrar comigo
E tive que ir para lá repensar em você

Respiro fundo e olho para a frente
Porque você fez do passado um pesadelo
O pavor do fracasso se fez presente
Restou a mim, para seguir, detê-lo

Tentou se passar por indômito rei
Subjugando-me feito escória
Não preciso dizer que me safei
Já que sua derrocada foi notória

Não se foge de um capítulo ruim
O que se pode é escrever outro após
Quem serei doravante cabe a mim
Foi-se o tempo de se falar em nós

Meu refúgio foi útil até demais
Ele é um estado de espírito
Sem ele, talvez eu nem fosse capaz
De dizer as metáforas deste eu lírico

Eu acordei para o amanhã
E isso foi arrasador ao seu ego
Toda a sua tentativa agora é vã
A mim já não mais me nego

Ter vivido sob aquela pressão forte
Me ensinou a me refugiar
Vivi para lhe ver largado à própria sorte
Enquanto ergui meu novo lar

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto na fonte Averia, impresso no formato
14x21cm em offset 75g/m², com 68 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2024

POETES

Arlon de Serra Grande

Ayla Menezes

Batuta

Bella Velasco

Bhru Soul

Bruno Trajano

Carvalho

Daiana Maciel

Dedezaum

Duda das Casa

Eros

Leon Kenedy

Lílian Silva

Mateus Lira

Moon Kenzo

Natália Maelly

Preta Poeta

Raya Kelle

Relicário

Zanatta Eller

Apoio:

Projeto financiado pela Secretaria da Cultura e Turismo de Sobral
com recursos provenientes da Lei Federal Complementar
nº 186/2002 - Lei Paulo Gustavo, de 22 de julho de 2002.

Secretaria da
Cultura
e Turismo



SOBRAL
PREFEITURA

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ISBN 978-655421136-9



9 786554 211369
Editora **SERTÃO CULT**

PRODUÇÃO
DE PERIFÉRIA